

DIARIO DE VIAJE

A CALL DE BARCELONA, UM LABIRINTO DE MEMÓRIAS

Javier García Blanco



CAMINHOS DE
SEFARAD
RED DE JUDERÍAS DE ESPAÑA

#DescubreSefarad

WWW.REDJUDERIAS.ORG

DIÁRIO DE VIAGEM

A CALL DE BARCELONA, UM LABIRINTO DE MEMÓRIAS

Javier García Blanco

Javier García Blanco (Saragoça, 1977) é jornalista, fotógrafo e escritor. Após vários anos a trabalhar como redator e editor-chefe em diferentes publicações, nos últimos anos tem desenvolvido a sua carreira como colaborador freelance em diversas publicações especializadas em viagens, história e cultura, como *Historia de Iberia*, *Viajes (El Mundo)*, *Destinos (Vocento)*, *Descubrir el Arte*, *HOLA Viajes* ou *GEO*, entre outras.

Além disso, é autor de vários ensaios históricos, como *Héroes y Villanos (Cydonia, 2012)*, *Historia negra de los Papas (Luciérnaga, 2017)*, *Ars Secreta (Espejo de Tinta, 2005)* ou *Gótica (como coautor, Ed. Aguilar, 2006)*. Há anos que é colaborador regular na *La Rosa de los Vientos (Onda Cero)* e atualmente dirige a revista digital *Wanderer.es*

Javier García Blanco

NO CORAÇÃO DA CIUTAT VELLA, A UM PASSO DA CATEDRAL E DAS RAMBLAS, AS ANTIGAS RUAS QUE DAVAM FORMA À JUDIARIA DE BARCELONA CONSERVAM, MAIS DE SEIS SÉCULOS DEPOIS, ALGUNS VESTÍGIOS DE UM VALIOSO LEGADO QUE SE VIU INTERROMPIDO PELA INTOLERÂNCIA.

Diário de Viagem. A Call De Barcelona, um Labirinto de Memórias.

Edita: Red de Juderías de España. Plaza de Maimónides, s/n. 14004 Córdoba (España), www.redjuderias.org.
Todos os direitos reservados.



AMANHECE NA CIUTAT VELLA

Passa pouco das oito da manhã e o sol ainda projeta longas sombras enquanto se infiltra pelas intrincadas ruas da Ciutat Vella, mas já está claro que hoje o termómetro também não vai dar trégua, depois de várias semanas de temperaturas tórridas. Talvez por isso, e porque estamos no início de agosto e muitos barceloneses disfrutaram das suas férias, quando chego à Praça de Sant Jaume, habitualmente animada com uma multidão que cruza os seus passos, encontro-me com um espaço quase deserto: para minha surpresa, só vejo um ciclista solitário que atravessa a praça lentamente, à procura de sombra, e um mosso (Polícia da Catalunha) e um guarda urbano (Polícia de Barcelona), cada um na sua fachada correspondente, que vigiam com evidente aborrecimento os acessos à Câmara Municipal e ao Palau de la Generalitat.

Já perdi a conta das vezes que visitei Barcelona, e em especial o



seu centro histórico, cujas ruas já calcorreei e fotografei uma centena de vezes mas esta é a primeira vez que vou percorrer o coração da Barcelona velha seguindo os passos do seu legado hebraico.

Enquanto espero por Mónica Buzali, uma mexicana judia de origem sírio-libanesa que vive na cidade há vários anos e que vai

ser a minha guia durante toda a manhã, refugio-me num bar diminuto que abre as suas portas numa esquina da praça. Peço um café com gelo e sento-me junto a um balcão envidraçado que permite divisar parte de Sant Jaume. Aproveito para rever as minhas notas e reexamino alguns dos dados históricos da Call –assim



é conhecido o antigo bairro judeu da cidade—, e nesse momento dou-me conta um detalhe um tanto perturbador: nestes mesmos dias de agosto precisamente, mas há 631 anos, as ruas do bairro hebraico converteram-se num verdadeiro inferno, e não exatamente devido ao calor...

Desde meados do século XIV, a situação nos reinos peninsulares era de grande tensão: as epidemias da peste, a crise económica, as fomes e a instabilidade política converteram-se numa bomba-relógio que acabaria por explodir. A população, farta e desesperada, não tardou em procurar um bode expiatório para culpar de todos os seus males, e dirigiu as suas frustrações

e medos à população judia. Em 1348 ocorreram ataques a aljamas em distintas cidades da Península, mas em 1391 a situação foi muito mais grave. Entre 5 e 8 de agosto daquele ano, uma multidão descontrolada invadiu as ruas da Call de Barcelona, causando mais de trezentos mortos e uma infinidade de danos entre a comunidade hebraica. Muitos judeus foram obrigados

“

Já perdi a conta das vezes que visitei Barcelona, e em especial o seu centro histórico, cujas ruas já calcorreei e fotografei uma centena de vezes mas esta é a primeira vez que vou percorrer o coração da Barcelona velha seguindo os passos do seu legado hebraico.

”

a converter-se ao cristianismo, e aqueles que se recusaram não tiveram escolha a não ser deixar as suas casas para trás. Falta ainda um século para que os Reis Católicos decretassem a expulsão dos hebreus de Castela e Aragão, mas a aljama de Barcelona estava mortalmente ferida e, apesar dos esforços de algumas personalidades judias, nunca se recuperou.



DESCOBRINDO A CALL MAJOR

Quando o relógio marca finalmente as 10 horas, o meu telefone ilumina-se com a chegada de uma mensagem de Mónica, que me resgata do meu devaneio. A minha cicerone particular pela antiga Barcelona judaica recebe-me com um sorriso e uma receção calorosa. Após as saudações habituais, esta historiadora que hoje faz parte da associação Mozaika – terei oportunidade de visitar a sua sede horas mais tarde – explica-me que o motivo de iniciar a visita em Sant Jaume deve-se a que esta praça, há séculos atrás pouco mais que um alargamento de várias ruas, foi na Idade Média um dos limites da Call.

«O bairro judeu primitivo, a que hoje chamamos de Call Major, ocupava então a secção noroeste da antiga Barcino romana, e estava limitada a sul pela atual rua del Call, a este

por várias casas entre a rua de Sant Honorat e del Bisbe, a norte pelos arredores da rua Sant Sever e a praceta de Sant Felipe Neri, e a muralha romana a oeste», explica-me enquanto entramos calmamente por uma lateral da Generalitat, nas entranhas da antiga aljama.

«Existem poucos vestígios materiais desse passado judaico –adverte-me–, mas felizmente o legado documental é muito rico, como verá mais adiante no arquivo da catedral».

Fazemos uma primeira paragem no arranque da rua Sant Honorat, onde em tempos medievais se encontrava uma das portas de entrada do bairro judeu, que ao mesmo tempo marcava um dos limites da aljama. Do lado direito da rua, pela qual a estas horas apenas passeiam alguns moradores e os turistas mais madrugadores,

pode admirar-se uma das laterais do atual Palau de la Generalitat. Em parte deste tramo encontravam-se originalmente as vivendas de alguns judeus ilustres, como o rabino, poeta e comerciante Mossé Natán de Tàrrega, ou o cirurgião real Bonjuha Cabrit. Após os terríveis acontecimentos do assalto de 1391 e do “desmembramento” da Call, alguns membros da Diputación General compraram as casas que ali se erguiam e construíram o edifício gótico que, após inúmeras transformações, acabaria por se converter nas atuais instalações da Generalitat. Sant Honorat era conhecida na época medieval como Calle de la Font, pois ali foi construída, no século XIV, uma fonte gótica que servia para abastecer de água os moradores da Call, evitando assim que saíssem do bairro, a fim de diminuir as tensões com os cristãos.



Continuamos pela via estreita até chegar à esquina com a rua de la Fruita. Ali, no número 2, os arqueólogos encontraram no subsolo os restos de uma antiquíssima domus romana que ainda conserva alguns mosaicos. Sobre ela, também se localizaram seis grandes silos da época medieval que faziam parte de uma importante alhóndiga ou armazém que pertenceu a um mercador de cereais e que funcionou até ao início do século XIV, e que hoje serve como testemunho do esplendor económico e comercial que a judiaria de Barcelona experimentou à época, graças ao contato da aljama com outros grandes centros judaicos do Mediterrâneo. De facto, explica-me Mónica, a Call chegou a reunir nos seus melhores momentos mais de 4.000 pessoas, o que a convertia na maior judiaria da Coroa de Aragão.

“

O que é hoje a Praça de Sant Felipe Neri ficava fora dos limites da Call, mas vale a pena visitá-la e relembrar o que aconteceu aqui na Guerra Civil.

”

Um pouco mais acima, ainda em Sant Honorat, encontramos uma das poucas lojas judaicas que hoje existem na cidade: Call Bcn - Wine and Books que, como o próprio nome sugere, oferece uma mostra variada de livros de temática hebraica e uma seleção de vinhos kasher (ou kosher), ou seja, que cumprem as regras da religião judaica sobre o que é “próprio” para ser consumido. Além disso, organiza eventos culturais e ofe-

rece programas educativos para adultos, jovens e crianças.

Mónica conduz-me agora à secção norte da Call, e caminhamos pela rua de Sant Sever e a Baixada de Santa Eulalia -na época medieval as duas formavam uma única rua, a de la Volta-, onde, faz alguns anos, foi descoberta uma lápide com uma inscrição hebraica que tinha sido reutilizada como material de construção. Em seguida, deixamos brevemente os limites da Call para pararmos por alguns minutos na Praça de Sant Felipe Neri. Ainda é cedo, a praça está em silêncio – nesse momento só se veem um casal com um filho e três turistas que admiram a fachada da igreja barroca – e a temperatura é agradável. “O que é hoje a Praça de Sant Felipe Neri ficava fora dos limites da Call, mas vale a pena visitá-la



“

Na guerra, a propósito, diz a minha guia fantástica, participou um grupo de brigadistas judeus que lutaram nas fileiras do exército republicano.

”

e lembrar o que aconteceu aqui na Guerra Civil”, explica Mónica, enquanto assinala os vestígios visíveis deixados pelos estilhaços das bombas que ainda hoje se podem observar na fachada do templo que se abre para a pequena praça. “Na guerra, a propósito”, diz a minha guia fantástica, “participou um grupo de brigadistas judeus que lutaram nas fileiras do exército republicano.”

O fato, pouco conhecido, desperta a minha curiosidade, por isso conversamos um pouco

sobre esses judeus que, movidos pelas suas fortes convicções internacionalistas e antifascistas, viajaram para Espanha para fazer frente às tropas de Franco, mas também aos soldados da Alemanha nazi e da Itália fascista que participaram nesta contenda. A maioria destes brigadistas judeus foi integrada na Companhia Naftali Botwin do Batalhão Palafox, na XIII Brigada Internacional, e demonstraram o seu valor e a sua coragem nas cercanias de Pradell de la Teixeta, uma pequena povoação de Priorat, em Tarragona.

Este episódio, repleto de detalhes apaixonantes, foi bem estudado pelo historiador Manuel Valentín Puerto, também autor de um livro intitulado *Voces caídas del cielo*, que documenta o regresso dos judeus a Barcelona no século XIX e princípios do século XX.







A CASA DO ALQUIMISTA

Após este parêntesis fascinante, Mónica e eu continuamos a percorrer as entranhas estreitas e labirínticas da Call. Em menos de cinco minutos, os nossos passos levam-nos à praçeta de Manuel Ribé. Neste espaço, quase um oásis urbano diminuto graças às árvores que ocupam uma boa parte da praça e que dão sombra a várias esplanadas ocupadas por jovens turistas, encontra-se uma das sedes do MUHBA (Museu de História de Barcelona). O pequeno museu, situado no coração autêntico da Call Major, ergue-se num pequeno edifício de dois pisos encaixado numa esquina da praça, e uma das suas fachadas –em frente ao moderno Satan’s Café– revela a sua antiguidade: aqui mesmo, no século XIV, vivia Jucef Bonhiac, um tecelão de véus judeu, embora muitos barcelonenses ainda se refiram ao imóvel como a “casa do alquimista”, devido a uma lenda atrativa em que não faltam desenganos

“

O alquimista não pôs objeções ao encargo e impregnou uma flor formosa com a sua fórmula venenosa, mas não tardaria em arrepender-se da decisão. No dia seguinte, o sábio judeu encontrou o cadáver da sua filha segurando nas mãos a flor mortífera.

”

amorosos, poções venenosas e uma morte trágica. Segundo esta história, um jovem cristão, cego pelo ressentimento causado pela rejeição de uma bela judia, encomendou ao alquimista – também judeu – um veneno para assassinar a jovem. O alquimista não pôs objeções ao encargo e impregnou uma flor formosa com a sua fórmula venenosa, mas não tardaria em arrepender-se da decisão. No dia seguinte, o sábio judeu encontrou o cadáver da sua filha

segurando nas mãos a flor mortífera. Levado pelo desespero, o alquimista enlouqueceu e, após lançar uma maldição sobre a casa, deixou a cidade para sempre.

Lendas à parte, hoje o espaço constitui o melhor lugar para descobrir todos os pormenores sobre a comunidade judaica medieval de Barcelona e o seu legado histórico, científico e cultural. Para além de rever os acontecimentos históricos protagonizados pelos hebreus de Barcelona, o museu também permite conhecer algumas peças recuperadas durante as escavações arqueológicas, e convida-nos a mergulhar nas biografias de judeus locais de grande importância, como o filósofo, matemático e astrónomo Abraham Bar Hiyya (1065-1137), ou o também filósofo Hasday Cresques (que acabaria por tornar-se o rabino-chefe de Saragoça e que se destacou por tentar reconstruir as juderias aragone-



“

Outra das grandes figuras da Call, talvez a mais destacada, foi a de Salomón Ben Adret. Membro de uma importante família da Call, Ben Adret exerceu como rabino chefe da cidade por mais de 40 anos e fundou a sua própria academia talmúdica, além de se converter na maior autoridade em jurisprudência rabínica de toda a Europa, deixando como legado um bom número de discípulos e mais de 3.000 respostas ou pareceres – interpretações dos textos sagrados –, muitos deles vigentes ainda hoje.

”

sas após a tragédia de 1391). Outra das grandes figuras da Call, talvez a mais destacada, foi a de Salomón Ben Adret. Membro de uma importante família da Call, Ben Adret exerceu como rabino chefe da cidade por mais de 40 anos e fundou a sua própria academia talmúdica, além de se converter na maior autoridade em jurisprudência rabínica de toda a Europa, deixando como legado um bom número de discípulos e mais de 3.000 respostas ou pareceres – interpretações dos textos sagrados –, muitos deles vigentes ainda hoje.

A manhã avança e embora o calor comece a ficar mais forte, as ruas do bairro pouco a pouco vão-se enchendo de vida. Nós continuamos a percorrer as ruas da Call Major para descobrir os seus segredos, que aguardam em cada esquina. Muito perto do MUHBA - El Call encontra a rua del Arc de Sant Ramon, que na época medieval era chamada de rua Banys Freds (banhos frios). Graças à documentação que se conservou, sabemos que aqui existiram noutros tempos, uns banhos que, provavelmente, correspondiam à sala de banhos

rituais, ou miqvé, utilizada pelos judeus locais, embora a sua localização exata seja ainda uma incógnita. No final dessa rua, na confluência com a de Marlet, encontramos outro vestígio do passado hebraico deste recanto da Ciutat Vella. Trata-se da reprodução de uma lápide – a original encontra-se no Museu de História de Barcelona do Palau Reial – dedicada ao rabino e jurista Samuel ben Isaac ha-Sardí, fundador de uma instituição de caridade. Nela pode ler-se a seguinte frase em hebraico: «Píá Almoína do rabino Samuel ha-Sardí.





A pessoa generosa prospera”, embora outra interpretação traduza a última frase como “Sua luz permanece sempre acesa”.

A esta altura do percurso já vimos os restos de um armazém de cereais, a casa de um tecelão de véus –hoje convertida em museu– e até uma lápide com caracteres hebraicos. Apercebo-me então que ainda não vimos os restos de nenhuma sinagoga; mas antes que possa perguntar sobre o assunto, Mónica conduz-me pela rua Marlet na direção à de Salomón Ben Adret (antes conhecida como Sant Domènec). Aqui encontra-se a Associação da Call de Barcelona, uma instituição que se dedica a recuperar a memória histórica do bairro judeu, e a apenas alguns metros mais adiante, os historiadores acreditam ter localizado o local onde se erguia nos tempos medievais a maior sinagoga de Barcelona, uma das cinco que existiam na cidade.

Enquanto continuamos o passeio, Mónica explica-me que na rua de Salomón Ben Adret, além de outra sinagoga mais pequena, conhecida como sinagoga d'en Massot, existia também outro espaço importante da vida comunitária da Call: a carniçaria, um estabelecimento que fornecia carne kosher aos judeus locais, embora não faltassem clientes cristãos.

Também aqui se situavam as casas dos judeus mais abastados, e no interior de uma delas, os arqueólogos identificaram um bloco de pedra –que foi reutilizado para uma construção posterior–, no qual pode apreciar-se o orifício de uma mezuzá, o espaço situado nas portas das casas onde se colocava um pergaminho com a oração do Shemà Israel (Escuta, Israel).





MOZAIKA: UM COMPROMISSO COM O DIÁLOGO E A CULTURA

Outro dos vestígios do passado hebraico desta rua – e um dos mais importantes da Call – encontra-se no número 6. Trata-se da Casa Adret e é a nossa próxima paragem. O edifício, cujas origens remontam ao século XII, pode orgulhar-se de ser a casa habitada mais antiga de toda a cidade de Barcelona.

O último judeu que a habitou foi Astruch Adret –daí o nome da propriedade–, que se converteu ao cristianismo após os graves tumultos de 1391. Depois de inúmeros acontecimentos históricos, hoje a Casa Adret acolhe a sede do centro cultural Mozaika, uma associação sem fins lucrativos dedicada à preservação e promoção da cultura e do património judaico. Uma vez atravessada a soleira, e após um saguão em penumbra, surge um pequeno mas apelativo pátio interior no qual, apesar do magnífico restauro realizado nos últimos

anos, continua a respirar-se a essência medieval do edifício.

O mesmo acontece no resto do imóvel, num de cujos pisos me dá as boas-vindas Victor Sörensen, o jovem e apaixonado diretor da Mozaika, e que também assume as rédeas da Associação Europeia do Património Judaico. Depois de uma rápida visita guiada pelas diferentes salas do centro, Víctor e Mónica –que também é uma parte importante da Mozaika– explicam-me detalhadamente o trabalho da sua



As escavações arqueológicas realizadas neste recanto tão importante para a cidade, revelaram até ao momento cerca de 725 sepulturas, cifra que a converte na maior necrópole judaica medieval de toda a Europa.



associação. O objetivo é preservar e dar a conhecer a cultura judaica ao grande público através da sua história, mas também –e principalmente– através da sua literatura, música, filosofia, arte e até gastronomia (a paixão de Mónica, aliás). Para isso, Mozaika organiza regularmente conferências, concertos, peças de teatro, recitais de poesia e até certames de cinema de temática judaica. Entre os eventos de maior destaque da sua completíssima agenda encontra-se o Séfer Barcelona, um Festival do Livro Judaico que inclui conversas, mesas redondas, apresentações de autores e livros e uma abundante mostra de atividades culturais paralelas.

“Para além do aspeto cultural, apostamos no diálogo, na convivência e na paz”, diz-me Victor com visível entusiasmo. O diretor da Mozaika explica-me que se distanciam de qualquer posicionamento político e ideológico, entre outras coisas porque é



vital para eles gozar de total independência. Apostam também no diálogo intercultural, e um bom exemplo disso é a iniciativa Salam Shalom, cujo nome já dá algumas pistas do seu propósito: “Tratam-se de encontros diretos entre membros das comunidades judia e muçulmana locais”, esclarece com emoção, enquanto explica que têm tido muito boa receptividade, pois permitem ver os muitos pontos em comum entre pessoas e culturas que, a priori, podem parecer muito diferentes e até conflitantes.

Este compromisso pela convivência é apenas mais um exemplo da “judeidade moderna, flexível, respeitosa e transgressora” -assim a definem eles mesmos na sua página web- que é a proposta de Mozaika.

Após a conversa, Victor convida-me a subir ao terraço do edi-

“

Foi o rei Jaime I quem concedeu a licença para formar o novo bairro, fora da muralha, mas muito perto da Call Major e cujos limites coincidiam com as atuais ruas de Rauric, la Lleona, la Boquería e Avinyó.

”

fício para apreciar a vista da Call desde o alto. Dali é fácil perceber o labirinto de ruas sinuosas e intrincadas que hoje moldam o bairro e que, apesar do passar dos séculos e das inúmeras transformações, ainda mantém a essência do que foi quando naquelas ruas ecoavam vozes e orações em hebraico. Mónica aproveita a atalaia privilegiada que a Casa Adret nos oferece para me mostrar a localização da chamada

Call Menor, o segundo bairro judeu de Barcelona, que surgiu quando o aumento da população hebraica- sobretudo propiciada pela chegada de judeus occitanos que fugiam da delicada situação na região-, obrigou à criação de um novo espaço habitacional na cidade. Foi o rei Jaime I quem concedeu a licença para formar o novo bairro, fora da muralha, mas muito perto da Call Major e cujos limites coincidiam com as atuais ruas de Rauric, la Lleona, la Boquería e Avinyó. A Call Menor contou com a sua própria sinagoga que se encontrava no local hoje ocupado pela igreja de Sant Jaume (antigo convento da Trinitat). Curiosamente, foi um grupo de convertidos que -certamente para dissipar dúvidas sobre a sua fé-, após os acontecimentos de 1391, financiou a demolição da sinagoga para dar lugar ao novo templo cristão.



Do alto também se intui a montanha de Montjuïc, outro lugar de enorme significado para os judeus da Call. A etimologia do nome, no qual eu não tinha reparado (deriva de Mons judaicus ou Monte dos Judeus) dá pistas claras da sua ligação com a comunidade hebraica, e é que foi precisamente ali que os judeus medievais enterravam os seus mortos após as cerimónias obrigatórias. As escavações arqueológicas realizadas neste recanto tão importante para a cidade, revelaram até ao momento cerca de 725 sepulturas, cifra que a converte na maior necrópole judaica medieval de toda a Europa.

Outro dos marcos que se destaca do alto da Casa Adret é a Catedral de Barcelona, situada junto a um dos limites da Call. Desde 18 de março de 2022, o interior

do templo –e mais especificamente o seu Arquivo Capitular– oferece ao público uma visita a um dos tesouros documentais mais importantes que existem sobre a vida dos habitantes do antigo bairro judeu de Barcelona. Assim que, depois de despedir-me de Victor, Mónica e eu dirigimo-nos ao templo para descobrir este fascinante fragmento do passado da Ciudad Condal.

Já faz algum tempo que no céu, o sol já passou da marca do meio-dia mas o calor não parece intimidar as centenas de turistas que, agora sim, invadem as ruas da Call e os seus arredores. Quando entramos na catedral, a penumbra do interior proporciona um alívio para o calor que se sofre no exterior. Acompanhado por Mónica e por outra guia do templo, entra-

mos, quase furtivamente, por uma porta lateral que ascende à tribuna, onde se encontrava o antigo arquivo da catedral. Nos seus armários e arquivadores, fabricados numa venerável e bela madeira, armazenaram-se durante séculos uma infinidade de documentos que hoje revelam mil e um detalhes sobre os judeus da Call. São na sua maioria textos jurídicos, que falam sobre vendas, aluguéis ou petições às autoridades, mas, apesar de sua aparência rotineira e quotidiana, fornecem informações de grande valor para os historiadores. Aqui podemos ver manuscritos originais, como o que refere que Caròssia, viúva de Ha-Sardí, em 1262, reclama alimentos para sua filha Reina; um outro pergaminho no qual se lê que Maria vende uma vinha a Salam no Mont Aguilar (Tibidabo).



Outros escritos mencionam Mossé Cabrit (1389), cirurgião que tratava feridas e traumatismos; ou David Piperarius (1261), pimenteiro que se dedicava ao comércio desta preciosa especiaria, que se utilizava na cozinha, mas também era utilizada para fins medicinais. Os arquivos também provam que alguns judeus ocuparam cargos de importância na corte; é o caso de Vidal Salomó, que em 1248 serviu como baile real, um cargo de oficial do rei dedicado a tarefas de governo e cobrança.

O Arquivo Capitular da catedral também conserva documentos muito mais recentes (século XIX), que registam o regresso dos primeiros judeus a Barcelona após uma diáspora de séculos. Um dos textos mais marcantes nesse sentido é uma carta manuscrita, escrita por um capelão de Vilanova i la Geltrú que, em 1881, dirige-se ao bispado para receber instruções sobre como

atuar perante a chegada de um judeu de Tétouan que deseja ser batizado: «Quer que eu o batize, e eu não vejo nisso inconveniente. Dado o caso em que isto se realize, por que meios chegaremos ao nosso fim? O que há para fazer? Basta pedir autorização ao prelado? Tem que pedi-la o interessado? Basta que eu a peça, logo que possa certificar que o catecúmeno está suficientemente instruído?».

Para lá do episódio, a carta é um exemplo inicial da chegada de judeus, na sua maioria sefarditas vindos da Turquia, Grécia ou Marrocos, mas também asquenazim, que, sobretudo após a Primeira Guerra Mundial se foram estabelecendo novamente na Ciudad Condal. Muitas daquelas famílias acabariam por criar a Comunidade Judaica de Barcelona, que em 2018 cumpriu o seu primeiro centenário. Atualmente, embora seja difícil fazer um cálculo exato, já que não existe qualquer censo a

este respeito, acredita-se que em Barcelona residam cerca de 2.000 judeus, mais ou menos a metade dos que chegou a acolher a Call no momento da sua maior expansão, quando a população da cidade era uma ínfima fração da atual.

Ao sair do arquivo, Mónica despede-se de mim com o mesmo sorriso que me acompanhou durante todo o dia. Com ela descobri muitos dos segredos apaixonantes da Call e aprendi a valorizar ainda mais o rico legado de uma comunidade que, devido à intolerância e à perseguição, teve que deixar para trás os seus lares e fugir da sua desejada Sefarad. Enquanto me perco novamente pelas ruas estreitas do bairro com a intenção de tirar algumas fotografias, cruzo-me com centenas de turistas e pergunto-me se saberão que, há mais de seiscentos anos atrás, num dia quente de agosto como este, as ruas que agora pisamos foram palco de uma infâmia impossível de esquecer. Shalom!

